

## No que acredito (“What I Believe”, 1984<sup>1</sup>)

J. G. Ballard

Tradução: Pedro Groppo

Acredito no poder da imaginação de reconstruir o mundo, de libertar nossa verdade interior, de conter a noite, de transcender a morte, de encantar rodovias, de nos engraçarmos com pássaros, e de engajar as confidências dos loucos.

Acredito nas minhas próprias obsessões, na beleza de acidentes de carros, na paz de florestas submersas, na agitação de praias desertas nas férias, na elegância de cemitérios de carros, no mistério dos estacionamentos verticais, na poesia de hotéis abandonados.

Acredito nas pistas de decolagem esquecidas da ilha Wake, apontando para os Pacíficos de nossas imaginações.

Acredito na beleza misteriosa de Margaret Thatcher, no arco de suas narinas e no brilho do seu lábio inferior; na melancolia de recrutas argentinos feridos, nos sorrisos assombrados de atendentes de postos de gasolina; no meu sonho onde Margaret Thatcher é acariciada por aquele jovem soldado argentino num motel esquecido, observados por um frentista tuberculoso.

Acredito na beleza de todas as mulheres, na traição de suas imaginações, tão próximas do meu coração; na junção dos seus corpos desencantados com os corrimões de cromo encantados de caixas de supermercado; na sua tenra tolerância das minhas perversões.

Acredito na morte do amanhã, na exaustão do tempo, na nossa busca por um novo tempo dentro dos sorrisos de garçonetes de estrada e dos olhos cansados de controladores de tráfego aéreo em aeroportos fora de temporada.

Acredito nos órgãos genitais de grandes homens e mulheres, nas posturas corporais de Ronald Reagan, Margaret Thatcher e da Princesa Di, nos doces odores emanando de seus lábios enquanto olham para as câmeras do mundo inteiro.

Acredito na loucura, na verdade do inexplicável, no senso comum das pedras, na

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente na *Interzone*, n. 8, 1984. Reimpresso em *RE/Search 8/9: J.G. Ballard*, ed. Vale & Andrea Juno, RE/Search Pub, 1984.

demência das flores, na doença acumulada para a raça humana pelos astronautas da Apollo.

Acredito no nada.

Acredito em Max Ernst, Delvaux, Dali, Ticiano, Goya, Leonardo, Vermeer, Chirico, Magritte, Redon, Duerer, Tanguy, o Facteur Cheval, as torres Watts, Boecklin, Francis Bacon e todos os artistas invisíveis nas intuições psiquiátricas do planeta.

Acredito na impossibilidade da existência, no humor das montanhas, no absurdo do eletromagnetismo, na farsa da geometria, na crueldade da aritmética, na intenção homicida da lógica.

Acredito em mulheres adolescentes, na sua corrupção pelas posições de suas pernas, na pureza de seus corpos desgrenhados, nos traços de suas pudendas deixados em banheiros de motéis de segunda.

Acredito no voo, na beleza da asa, na beleza de tudo que já voou, na pedra jogada por uma criança que carrega consigo toda a sabedoria de chefes de Estado e parteiras.

Acredito na gentileza do bisturi do cirurgião, na geometria infinita da tela do cinema, no universo oculto dentro de supermercados, na solidão do sol, na garrulice dos planetas, na nossa própria repetitividade, na inexistência do universo e no tédio do átomo.

Acredito na luz projetada por câmeras de vídeo em vitrines de lojas de departamento, nos insights messiânicos das grades frontais de automóveis de showroom, na elegância das manchas de óleo na nacela de aviões 747 estacionados em pátios de aeroportos.

Acredito na inexistência do passado, na morte do futuro e nas infinitas possibilidades do presente.

Acredito no desarranjo dos sentidos em Rimbaud, William Burroughs, Huysmans, Genet, Céline, Swift, Defoe, Carroll, Coleridge e Kafka.

Acredito nos desenhistas das pirâmides, do Empire State, do Berlin Fuehrerbunker e das pistas de decolagem da ilha Wake.

Acredito nos odores corporais da Princesa Di.

Acredito nos próximos cinco minutos.

Acredito na história dos meus pés.

Acredito em enxaquecas, no tédio das tardes, no medo de calendários, na traição dos relógios.

Acredito na ansiedade, na psicose e no desespero.

Acredito nas perversões, nas obsessões com árvores, princesas, primeiros-ministros, postos de gasolina abandonados (mais belos que o Taj Mahal), nuvens e pássaros.

Acredito na morte das emoções e no triunfo da imaginação.

Acredito em Tóquio, Benidorm, La Grande-Motte, ilha Wake, Eniwetok e Dealey Plaza.

Acredito no alcoolismo, nas doenças venéreas, na febre e na exaustão.

Acredito na dor.

Acredito no desespero.

Acredito em todas as crianças.

Acredito em mapas, diagramas, códigos, xadrez, quebras-cabeças, horários de linhas aéreas e placas de aeroportos.

Acredito em todas as desculpas.

Acredito em todos os motivos.

Acredito em todas as alucinações.

Acredito em toda raiva.

Acredito em todas as mitologias, lembranças, mentiras, fantasias e evasões.

Acredito no mistério e na melancolia de uma mão, na gentileza das árvores e na sabedoria da luz.